



# Carcóvia responde a Madri

Publicamos as notas da assembleia das comunidades do Leste Europeu e Ásia Central com Julián Carrón, em que ocorreu um “diálogo à distância” com o desafio lançado pelo artigo de Rosa Montero no jornal *El País*. Por que o *aqui e agora* não é o fim, mas o início? (videoconferência, 29 de maio de 2021)

## **Jean-François Thiry**

Bom dia a todos! Somos quase duzentas pessoas conectadas a partir de diversos países. Padre Julián, agradeço muito por arranjar tempo para verificar conosco o caminho que temos feito nos últimos meses. Recebemos muitos testemunhos e perguntas, os quais provam que este tempo não passou em vão e que podemos verificar se temos ou não esperança.

**Daiva.** *Em março, o meu marido voltou aos braços do Pai. Morreu no trabalho. Quando cheguei, os médicos estavam tentando reanimá-lo. Rezei, do lado de fora, amparada pelas pessoas que estavam ali. Rezei pedindo para não perder o meu marido, mas acrescentava, continuamente e com consciência, estas palavras: “Seja qual for a vontade de Deus, eu a aceito”. Aceitei-a e não culpei nem a Deus, nem ao meu marido por ter ido embora. Sabia que até as piores coisas acontecem para o nosso bem. Esta consciência não elimina a falta e a dor, mas me ajuda a manter viva a esperança. Naquela mesma noite, depois da morte do meu marido, nós nos conectamos pela internet com amigos do Movimento para rezar o terço. Fiquei comovida ao ver os muitos amigos que estavam lá. Na tela eu via muitas janelinhas minúsculas, não só com os rostos dos amigos, mas também das suas famílias. Através deles, senti-me abraçada por Deus na minha dor. À pergunta:*

*“Como vai?”, o meu marido sempre respondia: “Cada dia sempre mais próximo ao Paraíso” e ele sempre procurou viver no aqui e agora. Acho que já está no abraço do Pai e dali toma conta de mim, dos filhos e dos nossos amigos, os quais, nos momentos de dificuldade, também pedem a sua intercessão. Ele não está mais junto de mim, porém me deixou muitos amigos, graças aos quais não me sinto sozinha e vivo a experiência do povo de Deus. Recebi muitas cartas e mensagens. Muitas pessoas compareceram ao velório. Mesmo que não tenha sido longa, a sua vida foi dada pelo bem de quem quer que lhe estivesse próximo. Ficava muito impressionado com as palavras de Dom Giussani: devemos amar a nossa mulher, os nossos filhos, o nosso trabalho, por amor de Cristo. O meu marido sempre procurou viver assim. Se eu não pertencesse ao Movimento, não sei como estaria e como viveria com a dor desta perda. A educação que vivo no Movimento me dá força e esperança. Agradeço a Deus por ter enviado os amigos do Movimento à minha vida e ter me mostrado a estrada em que vale a pena andar para seguir os meus amigos e para seguir Cristo.*

**Julián Carrón.** Agradeço por este testemunho porque, quando acontecem coisas assim tão dolorosas, tomamos mais consciência da graça que nos aconteceu ao encontrar o Movimento. De fato, não é imediato dizer – como você fez, sem culpar ninguém, nem a Deus, nem a seu marido: “Esta é a vontade de Deus e eu a aceito”. Isso

demonstra o caminho que você fez. Este primeiro testemunho coloca a todos nós diante do método através do qual cada um pode verificar o próprio caminho, pois a verificação do caminho não são os nossos pensamentos, as nossas interpretações, mas o nosso eu em ação. Quando estamos diante da realidade, seja qual for o rosto que ela assumir, é ali que emerge o olhar último que temos sobre a vida. Por isso, vê-se até qual ponto (como diz a nossa amiga) a educação do Movimento e o que nos comunicou Dom Giussani penetraram na nossa vida. Não é tanto uma medida sobre nós, mas a sugestão de uma estrada. De fato, a realidade nos oferece sinais para verificar se a educação que recebemos está penetrando em nós, isto é, se o Movimento é realmente o Movimento. Em cada momento do seu caminho, cada um pode ver se na sua vida se realiza o motivo porque Dom Giussani começou o Movimento, um motivo que para ele era claro desde o primeiro dia em que subiu as escadas do Berchet: “Mostrar a pertinência da fé nas exigências da vida” (*Educar é um risco*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo, 2019, p. 16). A verificação não está nas nossas interpretações, nas nossas discussões, no que os jornais dizem: a verificação do caminho feito está na “estrutura da reação” que temos “diante da realidade”, para usar a expressão de Giussani no capítulo décimo de *O senso religioso* (Paco editorial, São Paulo, 2017, p. 155), diante de qualquer evento. E, de todos os eventos, o que mais nos desafia é a morte. Por isso agradeço a você, porque com o seu testemunho nos mostrou a estrada, o método através do qual podemos sempre reconhecer se estamos percorrendo o caminho educativo a que o Movimento nos introduz ou não. O resto não importa, por isso não percam tempo nos medindo. O que nos interessa é se a proposta do Movimento, se o olhar a

que o Movimento nos educa (“Esta é a vontade de Deus e eu a reconheço, aceito, abraço-a”), faz com que cresça cada vez mais em nós um juízo – de tal maneira cheio de luz – que facilite a adesão, um juízo cheio de afeição. Vemos isso todos os dias, desde que acordamos de manhã: prevalece qual sentimento de mim? Não é preciso necessariamente uma morte ou algo que faça sofrer, basta tomarmos consciência daquilo que a vida nos dá no instante em que acordamos.

**Anna Kim.** *Cada ponto, cada juízo e cada testemunho nos Exercícios Espirituais da Fraternidade foram para mim palavras vivas, que tocavam o meu coração, que tinham a ver com a minha vida. Você nos falou com amor de pai, confiando na nossa liberdade de adultos. Obrigada por isso! Para mim um dos pontos mais importantes foi “O lugar da esperança”, quando você disse que é “um lugar [em que] [...] Cristo está presente e vivo” (J. Carrón, Há esperança?, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo, 2021, p. 137); é o tema da companhia. Todo o ano passado foi muito dramático, tanto para mim como para todos. Mas também foi um tempo de graça, porque, através da dor, das privações, das dificuldades e das provações eu me dei conta com clareza que me são necessários como o ar os testemunhos, os amigos do Movimento, a nossa comunidade de Karaganda. Percebi que fora da comunidade a minha vida fica desbotada, enfraquece. O meu eu perde o frescor e me torno como “uma barca que anela pelo mar, no entanto, o teme” e percebo que digo: “Esperemos...” sem a esperança. Em breve terei de deixar Karaganda por um longo período e terei de viver em condições difíceis, enfrentando uma grande quantidade de desafios. Estarei em um lugar onde a internet nem sempre funciona bem. O que posso fazer para não perder a esperança? Como conseguirei fazer experiência da “plenitude de Cristo” fora da comunidade?*

**Carrón.** Fantástico! Essa mudança fará você perceber o que entende

pelas palavras “comunidade”, “companhia”. Você fará o teste de como viveu a companhia durante todo o tempo em que esteve em Karaganda. Irá concluir se a viveu por aquilo que é – ou seja, como aquilo que nos introduz sem descanso à descoberta de um significado para a vida, como um olhar constantemente a ser aprendido, que, portanto, deverá continuar a aprender também aonde for –, ou então como algo de mecânico que, pelo fato de estar fisicamente em nós, fizesse crescer automaticamente a nossa autoconsciência. Diante da nova situação que você terá de enfrentar, poderá perceber o que faz verdadeiramente companhia para você; o que não quer dizer que não precise da companhia, ou que não haverá companhia onde estiver. Dependerá de você reconhecê-la na modalidade em que Cristo der a você a possibilidade de experimentá-la, através da maneira como se fará a companhia na nova situação. A sua mudança será uma ocasião para aprofundar o conteúdo da companhia que você encontrou em Karaganda. É um verdadeiro desafio, que irá ajudá-la a entender que o que dizemos não são só palavras: basta que cada um de nós pense na maneira como viveu este tempo de pandemia, em que muitos dos nossos gestos não puderam ser realizados presencialmente. Todos vimos que quem esteve realmente disponível a se deixar acompanhar, através da modalidade que o Mistério permitia – os gestos em videoconferência, como os Exercícios e a Escola de Comunidade, os textos propostos –, aprendeu e tomou consciência de algo essencial para viver. Mas todos, quer queiramos ou não, devemos fazer agora o teste: se no tempo da pandemia aprendemos e entendemos ou não algo que pode servir para enfrentar os novos desafios. Quantos de nós pensamos que a chegada do vírus, com a consequente impossibilidade



de fazer os gestos do Movimento da maneira habitual, faria com que nós nos sentíssemos órfãos, ou nos privaria da comunidade, impedindo-nos de apreciar os testemunhos! E, pelo contrário, o que vivemos nestes meses nos tornou conscientes de que Cristo continua a nos fazer companhia de maneiras desconhecidas, imprevisíveis. Por isso, você pode partir e ir para onde deve ir com curiosidade: “Vejam como Cristo me fará companhia na nova situação”. Além de tudo, com as possibilidades atuais de comunicação, nada do que você teve até agora lhe será tirado. Poderá se conectar aos gestos da comunidade em Karaganda, poderá continuar a manter o relacionamento com os seus amigos, poderá visitar o site de CL para ler notícias sobre a vida do Movimento no mundo, poderá continuar a receber toda a riqueza de vida da comunidade cristã de Comunhão e Libertação. A comunidade te acompanhará em qualquer lugar, mesmo que vá para o fim do mundo! A única questão é se você, na nova situação em que se encontrar, irá aceitar uma certa modalidade de companhia, como a aceitou no tempo em que a pandemia se difundiu. Assim poderá ver até qual tipo de maturidade você será conduzida enquanto aprofunda o valor da companhia. Depois irá nos contar.

**Anna Kim.** Obrigada!

**Lali.** Quando você falava de espera, nos Exercícios Espirituais, lembrei-me de uma colega de trabalho, a quem perguntei como estava, se lhe agradava o que estava fazendo. A estas perguntas os meus colegas respondem que é melhor não estar à espera de nada, porque há o risco da desilusão; é melhor não esperar nada para não ficarmos desiludidos. Eu me lembrei de que isso aconteceu uma vez na minha vida: esperava que alguns eventos se desenrolassem como eu queria, mas, quando depois alguma coisa se passou de outra maneira, então foi uma grande desilusão e uma grande tristeza. Lembrei-me disso quando li o texto dos Exercícios; ao ouvir a sua Escola de Comunidade, impressionou-me quando você disse que só conseguimos perceber o que lemos, o que nos testemunhamos na Escola de Comunidade e nos nossos encontros, após termos vivido isso. Foi para mim como uma resposta a uma pergunta que tinha antes, porque depois dos eventos catastróficos que aconteceram na minha vida; sobretudo a morte do meu marido, fiquei como que bloqueada, não sentia em mim a esperança ou a espera. Ontem a minha mãe e a minha tia saíram do hospital; ainda estão muito fracas e eu estou grata por estarem melhor, mas, no momento em que estavam em estado crítico, entre a vida e a morte, não conseguia entender e me perguntava: “O que está acontecendo na minha vida? O que Deus quer da minha vida? Por que tudo isso tem de acontecer comigo justamente agora?”. Neste terror, de repente tomei consciência, percebi com uma clareza que nunca tive antes, que Deus está me abraçando. E juntamente com este sentir que sou abraçada me surgiu a esperança, percebi que tudo me foi tirado e que só me restou a esperança. E esta esperança me permitiu tirar das costas pelo menos um pouco daquele peso que tinha sobre mim, porque pude partilhar as minhas perguntas com Quem pode verdadeiramente responder. Ao reler a Escola de Comunidade, percebi que esta esperança, que apareceu há um mês, há três semanas, fez nascer em mim a espera e a fé. Uma espera não como a de

*antes, quando eu sabia o que queria e como as coisas deveriam acontecer, mas uma espera aberta, cheia de necessidade, cheia de atenção e de sede de cumprimento. Então me fiz a pergunta: “Mas o que é esta espera?” e percebi que é espera de ser feliz, muito aberta e muito simples.*

**Carrón.** Posso te fazer uma pergunta?

**Lali.** Claro.

**Carrón.** Como você chegou à consciência, absolutamente imprevisível, de que Deus estava te abraçando? Parecia que não estava à espera de nada e se perguntava: “O que Deus quer da minha vida?”. E de repente te aconteceu alguma coisa: “Percebi [...] que Deus está me abraçando, [...] apareceu a esperança”. Como nasceu em você essa sensação?

**Lali.** *Naquele momento, os meus pensamentos, as minhas forças, a minha maneira de ver, as minhas tentativas eram tão pequenas e, em contrapartida, era tão forte o sentimento de que sou nada, uma mendicante, que, na minha mendicância, miséria e pobreza, naquele momento, é como se eu tivesse me tornado silenciosa. A coisa mais “barulhenta” de todas era a espera. Tomei consciência de que eu, agora, não posso fazer nada, porque sou impotente, sou necessitada, só posso gritar, rezar, pedir. E naquele momento apareceu-me um sorriso entre as lágrimas, e a sensação física de que, salvo a esperança, não há mais nada. Tudo me foi tirado, salvo a esperança. Ou então permiti que viesse à tona uma coisa que esteve sempre em mim.*

**Carrón.** Eu quero que percebamos se foi só uma reação instintiva à sua impotência ou se se tratou de outra coisa. Por que é que, de repente, de dentro da sua sensação

de impotência, precisamente quando parecia que você já nada esperava, emergiu em você a certeza de que Deus está te abraçando? Se não tomar consciência do que aconteceu com você, se não captar toda a dimensão da experiência que viveu, amanhã poderá se encontrar novamente indefesa diante de uma situação diferente, imprevista. É razoável esperar? Onde está a razoabilidade deste esperar, para que não seja simplesmente um sentimento passageiro que amanhã pode ser varrido por um imprevisto? Dá para entender a pergunta?

**Lali.** *Sim. Provavelmente o que me acontece desde janeiro, desde que o meu marido morreu, é que este acontecimento mudou radicalmente o meu olhar, a minha maneira de ver. Porque, como disse a amiga no início, a morte do meu marido fez nascer uma experiência através da qual foi como se eu tivesse me embatido com o fato de acolher a vontade do Pai.*

**Carrón.** E em que consiste esta maneira diferente de olhar?

**Lali.** *No fato de finalmente ter me dado conta de que o que acontece na minha vida, acontece não porque alguém está me castigando por ter feito algo de errado, mas porque Alguém me ama e está comigo nesta tempestade.*

**Carrón.** Mas como você sabe que Alguém a ama? Não conseguimos nos safar com uma afirmação – “Alguém me ama” –, é preciso entender porque é razoável dizer uma frase do gênero.

**Lali.** *Porque, como disse, os meus amigos estavam comigo, todos os dias, e eu recebia a resposta através de rostos concretos.*

**Carrón.** Por que razão não é apenas uma consolação, aquilo que os teus amigos te dão, já que não conseguem dar-te o que te foi tirado?

**Lali.** *Porque é algo que responde ao meu coração. Esta experiência de mendicância, de pobreza, este estar sem nada diante d’Ele, faz-me entender que há alguma coisa que não sou eu que estou fazendo e que não depende dos meus pensamentos, das minhas ações e dos meus esforços. Eu não conseguiria gerá-lo.*

**Carrón.** Então, o que é esta “alguma coisa”? Se não é algo que você faz, se não é algo que os outros fazem, o que é? O que é? É preciso chegar a identificar com clareza o que é esta “alguma coisa”.

**Lali.** *Cristo junto de mim cada dia.*

**Carrón.** Como é que você sabe disso?

**Lali.** *Não sei como dizê-lo, sei pelo diálogo com Ele, por uma Presença quando você acorda de manhã e se dá conta de que não está sozinha, por uma esperança que antes não havia e agora há. Quando percebe que nada pode, mas que há um Outro que fica junto com você.*

**Carrón.** Qual é o sinal mais evidente de que há “um Outro que fica junto com você”? Qual é o sinal mais evidente que você colhe assim que acorda?

**Lali.** *O fato de tudo se resolver de uma maneira que nem sequer podia esperar.*

*“Agora, neste momento em que começamos a voltar lentamente à forma habitual de viver, cada um poderá verificar se desperdiçou o tempo da pandemia ou se cresceu”*

**Carrón.** Ainda não sabe como vai correr a manhã, mas assim que acordar já está lá tudo!

**Lali.** *Sim, porque é um amor e uma misericórdia. Não sei como descrevê-lo, mas de manhã você acorda e sabe que não tem medo, porque o seu paizinho ama você.*

**Carrón.** Olhemos bem para isso. Diante dos desafios da vida, cada um de nós faz o teste, a verificação, do caminho que fez. Não são só aqueles a quem acontecem desgraças, como as que você contou, e que são despojados de tudo, mas todos fazemos esta verificação. Mesmo agora, neste momento, ao mesmo tempo em que – pelo menos aqui na Itália – começamos a voltar lentamente à forma habitual de viver, cada um poderá verificar se desperdiçou o tempo da pandemia ou se cresceu. Você agora está verificando se o que aconteceu com você e nos contou – a morte do seu marido, a doença da sua mãe – fizeram você crescer, aprender a ter um olhar que antes não tinha. Isso é crucial. Um amigo espanhol me enviou um artigo que apareceu no *El País*, de Rosa Montero (veja p. 6), em que a jornalista conta que viu da janela, no seu bairro de Madri, o começo do retorno à vida de tantas pessoas que estavam ansiosamente à espera de rever os amigos, de ir jantar fora, de gozar novamente as coisas, com uma “fome insaciável de felicidade”, com “tanto desejo de queimar a noite, de possuir a vida”. Mas imediatamente se pergunta “quantos foram dormir felizes naquela madrugada” e “quantos voltaram a cair na conhecida insatisfação do ser humano e na fastidiosa incapacidade que parecemos ter para viver o certo, o tangível, a simples realidade”. E acrescenta: “A pandemia deveria ter-nos ensinado algo, [...] mas temo que não aprenderemos nada”. Nas notícias que saíram na imprensa hoje há uma entrevista com a Prêmio Nobel bielorrussa Svetlana Aleksievich que começa assim: “Esqueceremos este

tempo pandêmico”, não nos lembraremos disto. “O homem é feito assim. Esquece facilmente todo o mal que acontece com ele”, e dá como exemplo o fato de ter sido construída uma nova central nuclear, precisamente na Bielorrússia, a mais atingida pelo desastre de Chernobyl: “O homem é feito assim. Esquece” (S. Aleksievich, “O nosso futuro começa agora”, entrevista de R. Castelletti in *Robinson, la Repubblica*, 29 de maio de 2021). É semelhante ao pensamento da jornalista espanhola sobre a pandemia. Nós somos feitos assim, não aprendemos com o que acontece. Montero afirma que já viu isso muitas vezes, por exemplo em amigos a quem foi diagnosticado um câncer: no instante em que sabem dele, diante de uma evidência que os faz tremer, “garantem que a doença lhes abriu os olhos”, isto é, escancarou-lhes o olhar – exatamente como aconteceu com você –, e voltam a prometer a si mesmo que, “se saírem dessa, nunca mais voltarão a desperdiçar o tempo, a se preocupar com bobagens e a deixar de apreender os verdadeiros valores da vida”,

*“Que um evento como a morte ou a doença nos escancare o olhar, é compreensível. Mas isso não basta para uma pessoa aprender alguma coisa; e, se não aprender, após algum tempo volta à velha rotina”*

isto é, as coisas essenciais para viver. Qualquer pessoa, mesmo quem estiver na distração mais absoluta, diante de uma circunstância dramática, é levada a escancorar o olhar. Mas depois, acrescenta a jornalista, quando aqueles amigos “se curam (ainda bem) [...] e alguns anos depois voltam a recair no mesmo atropelo mental, na mesma confusão sobre o que são e o que desejam”, voltam à maneira de olhar e de viver de antes. Eis o ponto. É compreensível que um evento como a morte ou a doença nos escancare o olhar; contudo, isso não basta para uma pessoa aprender alguma coisa; e, se não aprender, após algum tempo volta à velha rotina. Por isso eu insistia em perguntar a você o que é aquela “alguma coisa” da qual falava. Montero continua a falar sobre si: “Comigo, acontece igual. [...] Passei anos escrevendo sobre isso e dando sábios conselhos sobre a necessidade de aprender a viver o presente”, mas “há uma diferença abissal entre o que alguém pensa e a possibilidade de fazer com que esse pensamento atravessasse o corpo”, isto é, que o pensamento



© Luca Fiore

14

atravesse a vida e se torne meu. “Custa conseguir viver conforme o que se crê” (nós diríamos que o problema crucial é a experiência). E então, o que fazemos? “De modo que, agora, aqui estou, como quase todos, postergando inconscientemente a felicidade a um momento sempre fora de mão, um pouco mais longe”. Adiamos sempre o cumprimento, sublinha Montero, para o futuro. E “vivemos esta vida como se carregássemos outra na mala”, escreve, citando Hemingway. Depois acrescenta: “Desperdiçamos de maneira burra os nossos dias, adiando a consciência plena de viver para outro momento, como se o presente fosse só uma estação de passagem, uma etapa tediosa no nosso agitado caminho até não sei onde. Parece até que estamos permanentemente numa esteira rolante de um aeroporto, passageiros em movimento eterno rumo ao nada”, cada um a pensar: “Serei feliz quando chegar ao destino”, isto é – diremos nós – quando chegar ao destino. “A má notícia”, conclui a jornalista, “é que nunca se chega. Só existe o hoje, o aqui e agora”.

Se fui solicitando a você compreender claramente o que viveu, é porque não quero que esta seja a conclusão a que também nós chegamos com o tempo: adiar a felicidade para o futuro, mas basicamente apenas sob a ilusão de alcançá-la, porque em realidade existe apenas o hoje, o aqui e agora.

Partindo do que você dizia, o que você responderia a essa jornalista que teve a coragem de escrever tal coisa? Podemos dizer que 90% da história dela é semelhante à sua: você também foi provocada, questionada e a princípio achou que era melhor não esperar nada para não se decepcionar. Nesses momentos, diante de muita tristeza, quando seu marido morreu e sua mãe adoeceu, você fez a verificação da consistência do seu caminho. Você tem algo na sua experiência que se opõe ao que a jornalista diz? A vida de agora é de tal maneira global, que Madri [na Espanha] dialoga com Carcóvia

[na Ucrânia] e Carcóvia responde a Madri.

**Lali.** *Antes de tudo, o fato de eu viver como disse, no princípio era eu, os meus planos, mas depois aconteceu alguma coisa. E eu peço, rezo para nunca mais me esquecer do que aconteceu. A diferença é que agora estou atenta à realidade e não aos meus planos.*

**Carrón.** Portanto, qual é a diferença no presente? Torno a lançar esta pergunta. Aqui, entre nós, ocorreu alguma coisa, e quem quer que intervenha tem de dialogar com o que emergiu, a partir do que ocorreu. Esta é uma maneira de efetuar o teste: se durante a pandemia ganhamos alguma coisa ou se desperdiçamos a ocasião e ainda temos de aprender.

**Thiry.** Pode nos ajudar a esclarecer a questão?

**Carrón.** A questão é tomarmos consciência do que introduziu a nossa amiga com o seu relato: um fator novo, decisivo para responder à

jornalista espanhola. Como podemos dizer, de uma forma que não seja piedosa: “Deus está me abraçando agora”? Muitas vezes a maneira como dizemos estas coisas é piedosa, e é uma forma que não responde ao problema real que temos, por isso, no fim, não sabemos o que dizer.

**Miko.** *Sou do Azerbaijão e tenho apenas uma pergunta, justamente a partir da pandemia. Para nós, que temos fé, que somos crentes, é fácil perceber a existência da esperança. Mas não estamos sozinhos, temos um povo ao redor, temos as pessoas que amamos, temos os amigos. E, por causa da Covid, as pessoas que nos rodeiam perderam o trabalho, perderam os seus entes queridos, e estão estressadas. Não conseguimos lhes explicar facilmente a existência da esperança, porque ou não acreditam, ou renunciaram a ela. Que método temos de seguir para lhes explicar melhor que a esperança existe?*

**Carrón.** Esta é “a” questão! Uma vez que não tomamos consciência da razão pela qual esperar, não sabemos o que dizer àqueles que nos fazem esta pergunta. É por isso que insistia com a nossa amiga sobre a necessidade de se dar conta da razão da sua e da nossa esperança, caso contrário nem sequer conseguiremos testemunhá-la ao mundo. Não é sobretudo um problema dos outros, mas nosso. O problema é a nossa falta de autoconsciência. Por isso lhe agradeço, porque você sublinhou ainda mais a pergunta. Resta agora encontrar algum esboço de resposta.

**Julja.** *Sou de Almaty. Ao mesmo tempo em que estava ouvindo a sua intervenção e como você a desafiava, eu também me perguntava o que me ajuda a viver os momentos dramáticos e a vida cotidiana... Diante do que normalmente é mais ardente na minha vida, qual é o sinal mais evidente de que Cristo está presente e me ajuda? De fato, Cristo não é algo abstrato. E eu digo: este sinal és tu, que fazes com que eu faça um determinado caminho no seio do Movimento. Para mim, também é importante como você me faz fazer, não me consolando nos momentos difíceis, mas desafiando-me sem tomar atalhos, sem me dar um desconto.*

**Carrón.** Também vou fazer hoje!

**Julja.** Já sei.

**Carrón.** Por isso não pense que sou eu que vou responder às suas perguntas. Eu me limito em ajudar você, provocando a sua razão e a sua liberdade diante dos desafios do viver. De fato, muitas vezes fazemos o mesmo caminho descrito pela jornalista espanhola ou pela nossa amiga, a todos nós, em certos momentos, os nossos olhos se abrem e então dizemos: “Mudei finalmente a maneira de olhar!”. Mas só podemos realmente ter a certeza disto se nos dermos conta do que nos aconteceu. Giussani sempre nos disse – e daqui não saio! – que sentir algumas coisas não é ainda fazer experiência. Todos sentimos

certas coisas, não? Quem se depara com um tumor sente certas coisas e diz: “Vou deixar de desperdiçar tempo!”. Mas, passada a doença, volta à velha rotina. Só se tiver crescido como consciência de si, caso tenha se empenhado em julgar o que sentiu, então é que conseguirá evitar de voltar atrás, digo eu. Então, voltemos ao ponto: em que consiste a diferença de olhar de que falamos? Senão, repetimos frases, mas no fundo sem entender do que é que estamos falando.

**Julja.** *Na minha vida e no caminho constante que eu estou fazendo, que depois é a Escola de Comunidade...*

**Carrón.** De acordo, a Escola de Comunidade. Mas não te safas em dizer apenas isto. Qual é o passo de consciência que a Escola de Comunidade ajudou você a dar? Caso contrário, seria como ir à escola sem entender o que nos é dito. Deixe a pergunta em aberto, e no fim compare a resposta que você teria dado com a que irá emergir. Não há qualquer vantagem em adivinhar a resposta certa “por acaso”. A questão fundamental é, sobretudo, nós estarmos atentos e sermos sérios com as perguntas, para podermos chegar à resposta adequada.

**Darina.** *Sou professora. Nos Exercícios você nos convidou a perceber o que nos aconteceu este ano. Durante este período, graças ao percurso que nos propôs e aos amigos que, apesar de não viverem perto de mim, me acompanham nesta estrada, descobri uma coisa enorme. Percorrendo um longo caminho, cheguei à conclusão de que quero viver aquela plenitude que encontrei, mas não é simples. As suas perguntas, no entanto, ensinam-me a olhar de uma maneira diferente para a vida e para o meu eu.*

**Carrón.** Explique bem isso.

**Darina.** *Sim, porque na realidade o que você me propõe é olhar para mim, mas é totalmente diferente de como eu vivia antes e de como os outros me propõem que olhe para mim mesma. Dou um exemplo para mostrar onde está a minha dificuldade. Quando você perguntou se temos esperança, estava pronta para gritar: “Claro! Claro que tenho esperança! A nossa esperança é Cristo”. Mas quando me deparei com desafios reais da vida, dei-me conta de que dizê-lo não era suficiente. Assim, depois dos eventos que aconteceram em Kazan – onde um rapaz de dezenove anos entrou numa escola com armas e matou alunos e professores –, os meus alunos, que têm a mesma idade dos jovens que foram mortos, vieram falar comigo e me perguntaram: “Mas como fazer para seguir com a vida em frente? Estamos com medo”. Naquele momento entendi, como nunca, que repetir simplesmente, por palavras, que Cristo é a minha esperança, é um pouco demais para olhar sem medo nos olhos dos meus alunos: eu preciso viver constantemente com a Sua presença. Para mim é um enorme desafio, porque Ele me chama a olhar tudo de frente, até quando eu, por medo, face às circunstâncias ou às responsabilidades, preferia me distrair. A minha luta cotidiana consiste no fato de*



*eu não querer perder aquela novidade de vida que descobri, mas vejo que muitas vezes tenho medo de responder. O que pode me ajudar a derrotar esse medo?*

**Carrón.** É a este seu estar diante das perguntas que nunca vou lhe poupar! Nunca, nunca! E não consentirei – porque é a própria vida que não o consente – que você diga que Cristo é a esperança, como se fossem só palavras, porque as palavras não bastam para viver. Podemos “saber as palavras”, mas quando acontece o que você contou, sobre os alunos que foram mortos em Kazan, é como se elas não tivessem densidade de realidade suficiente para poder serem usadas com os seus alunos. E nessa altura não temos nada para lhes oferecer, porque não temos nada para oferecer a nós mesmos. A única maneira de conseguirmos comunicar alguma coisa aos outros é sermos sérios, como você disse muito bem, conosco mesmos, com as nossas perguntas. Não interessa se precisamos de tempo para entender. A questão é que a realidade não nos permite com que nos contentemos: quando se encontra diante dos alunos que foram mortos em Kazan, não bastam as palavras. Uma pessoa poderia ficar com raiva, por ainda não estar pronta para estar diante de uma situação como aquela, ao fim de anos de permanência no Movimento, mas eu digo: ainda bem que se dá conta disso, porque assim poderá fazer um caminho que lhe permita enfrentá-la e oferecer aos seus alunos alguma coisa que seja útil para o caminho deles. Não insisto com vocês para ver se estão à altura ou não, mas para colaborar na seriedade de vocês consigo mesmos. Os mais críticos não são os seus alunos, os mais críticos devemos ser nós, não aceitando uma resposta que não esteja à altura da razão. Porque, como sublinha Giussani, nós não podemos – não seria digno de nós mesmos e muito

menos da fé – pronunciar frases que a razão não tenha iluminado. “(...) É indigno da nossa amizade, e é indigno da história que existe no mundo, beber coisas ou afirmá-las sem que a nossa razão as tenha iluminado (...)” (L. Giussani, *É possível viver assim?*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo, 2008, p. 226), mostrando-lhe a razoabilidade.

Ora, uma vez que o tempo à nossa disposição está quase acabando, procuro responder: para mim é suficiente que hoje cheguemos a tomar consciência do ponto.

A questão crucial é a colocada pela nossa amiga. Temos de nos ajudar a entender o que é decisivo para “responder” à jornalista espanhola. “Existe só o hoje, o aqui e agora”, escreve ela. É daqui que é preciso partir. Daquilo que ela não percebe é que o seu raciocínio não faria qualquer diferença (“Ficarei feliz quando chegar ao meu destino. Bem, a má notícia é que nunca se chega. Só existe o hoje, o aqui e o agora”), se não for precisamente “o hoje, o aqui e agora” a reclamar, a testemunhar um Outro. O problema, de fato, não é dar uma explicação sobre a morte ou o sofrimento, “a” questão é sobretudo dar razão da vida; desde que uma pessoa se levanta de manhã deve dar razão do seu ser, do seu viver, do seu existir: hoje, aqui e agora. Porque é que a nossa amiga, a uma certa altura, tomou consciência de que Deus a está abraçando? Não por causa de um pensamento ou de uma emoção extemporâneos, mas porque ela não está se dando a vida hoje, aqui e agora, como é evidente desde o seu despertar: é-lhe dada. Dado que, muitas vezes, este despertar é mecânico para nós, não nos damos conta de que é precisamente o hoje, o aqui e agora do nosso existir, do nosso viver, que grita que há Alguém que nos está dando a vida. Todos lemos o capítulo décimo de *O senso*

*religioso* e nos maravilhamos com as coisas que lá encontramos escritas, mas é como se repetir a afirmação de Giussani: “Eu sou tu-que-me-fazes” (*O senso religioso*, op. cit., p. 163) fosse, em última instância, piedoso. Consequentemente, quando nos encontramos diante de uma jornalista que declara que a felicidade, o destino, não existe e que só existe o hoje, o aqui e agora, parece-nos não haver saída. Não! É justamente ali que tudo começa. Mas se nós, apesar da educação que Giussani nos deu, não nos damos conta, se não nos tornarmos conscientes, invade-nos o terror: “O que é que Deus quer de mim?”, dizia a nossa amiga. Até alguma coisa acontecer: “Deus está me abraçando”. Mas é preciso perceber que não se trata de um sentimento: “Sinto que Deus está me abraçando”, mas sim de um ato da razão: “Reconheço que Deus está me abraçando porque eu existo, hoje, aqui e agora. É por isso que tenho uma percepção diferente de mim e da realidade”. Se a nossa companhia não nos leva até ali, até tomarmos consciência do significado último da realidade, nós não somos amigos. O maior amigo que temos – chama-se Dom Giussani – deu-nos o capítulo décimo de *O senso religioso* precisamente para nos fazer companhia. Como? Introduzindo-nos à única companhia que nos permite olhar tudo de modo positivo, para o reconhecimento do fundo último da realidade, “um significado que está mais além, mais acima, *aná*. Analogia. Essa palavra sintetiza a estrutura dinâmica do impacto que o homem tem com a realidade” (L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 168), como diz no fim do capítulo. Só se uma pessoa se der conta da companhia d’Aquele que a faz hoje, aqui e agora, “é que pode passar por qualquer situação da existência”, é que pode até enfrentar a morte do marido e a



doença da mãe, “com profunda tranquilidade, e lhe é possível a letícia” (cfr. *ibidem*, p. 162). Vão reler o capítulo. A melhor resposta que podemos dar a estes desafios já está no real e não num adiamento para o futuro: eu posso ter esperança no futuro porque agora há Alguém que abraça a minha vida e a sua, que abraça também a do seu marido e a das vítimas do teleférico que caiu aqui na Itália, no próprio dia em que tudo reabria.

Fico surpreso como este olhar é o que mais impressiona os outros. Recentemente o escritor espanhol González Sainz escreveu um livro que capta precisamente o instante de surpresa pelo que existe agora, que fala do “espanto do agora”, que abre ao reconhecimento da consistência derradeira do viver e faz disparar a espera de alguma coisa que venha e dê sentido. Diz, textualmente: “O espanto do agora. O mundo cresce, cria-se, até sermos capazes de o olhar, maravilhados. A maravilha de existir diante do que existe, a comunhão da existência me magnetiza. Aquele imã era já uma oração para que alguma coisa venha a nós de um outro reino e realize uma vontade de sentido” (J.Á. González Sainz, *La vida pequeña*, Editorial Anagrama, Barcelona 2021, p. 66). O espanto do agora é do que falava a nossa amiga, referindo o despertar, é “a maravilha de existir diante do que existe”. A resposta à questão de hoje é a maravilha: ficamos maravilhados, de modo consciente e não sentimental, visto que é com toda a plenitude da nossa razão, do que existe. É isto que nos permite olhar bem para o real sem o considerar óbvio. Na maioria das vezes, como escreve a jornalista espanhola, é dado por adquirido. Não considerá-lo óbvio significa ter o olhar a que Giussani nos introduziu através do décimo capítulo de *O senso religioso*. Portanto, a nossa amiga tem razão: a resposta é que “Deus está me abraçando agora”, e nós temos de entender até o fundo

o que dizemos: “Deus está me abraçando agora porque me faz existir agora”. Senão amanhã podemos facilmente voltar à velha rotina.

Diante dos desafios que enfrentamos agora, é como se fôssemos obrigados a fazer o teste do que aprendemos este ano, durante o confinamento, se aprendemos ou não a olhar o hoje, o aqui e agora com profundidade, com aquele olhar cheio de razão de que acabamos de falar. Do contrário, iremos colar algumas afirmações, mesmo que corretas, à nossa maneira racionalista de vê-las e vamos percebê-las como inadequadas para lidar com a urgência dos jovens após uma tragédia como a de Kazan. O ponto é se, diante da pergunta deles: “Mas o que fazemos para continuar a viver? Temos medo!”, ela tem todas as cartas para desafiá-los, colocando na frente dos olhos deles o fato que eles existem e ajudando-os a entender o que significa que existem, isto

*“Não nos damos conta de que é precisamente o hoje, o aqui e agora do nosso existir, do nosso viver, que grita que há Alguém que nos está dando a vida. Eu posso ter esperança no futuro porque agora há Alguém que abraça a minha vida e a sua”*

é, introduzindo-os ao reconhecimento de Quem lhes dá a vida agora: só assim poderão continuar a viver sem censurar nada, e até poderão encarar com esperança a morte dos seus amigos.

Se não seguirmos este caminho da consciência, se não encontrarmos uma resposta para nós, não podemos jogar no real as respostas que nos damos “com palavras” porque, antes de mais nada, elas não nos convencem.

Isso é o Movimento, é essa a razão pela qual Dom Giussani começou o Movimento, como eu dizia: mostrar a pertinência da fé às exigências da vida, às exigências da razão! Então, tudo o que acontece faz parte do caminho que o Mistério nos permite cumprir para que a experiência da fé se torne cada vez mais nossa. E assim poderemos ver a credibilidade ou não do que recebemos, da educação a que somos convidados. De fato, só se a nossa consciência crescer é que conseguimos olhar tudo de maneira verdadeira, até chegar a reconhecer com a razão o Mistério que está dentro do real, aquele Mistério a que chamamos Deus e que está abraçando o nosso ser. “Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada” (Jer 31, 3). Imaginemos o que seria, acordar todas as manhãs

sem considerar óbvio o hoje, o aqui e agora, cheios de maravilhamento porque estamos aqui, e porque também hoje Ele tem piedade do nosso nada e nos faz existir! “Só assim a solidão é eliminada: na descoberta do Ser como amor que se doa continuamente. A existência se realiza substancialmente como diálogo com a grande Presença que a constitui, companheiro inseparável. A companhia está no eu [...]. Toda amizade humana é reflexo da estrutura original do ser” (*Na origem da pretensão cristã*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo, 2012, p. 131). A companhia está no eu. E se a nossa companhia não é para nos fazer descobrir a companhia que está no eu, é inadequada, porque não somos nós, nem sequer todos juntos, que conseguimos desafiá-la a morte. Assim, quando alguém tiver que se mudar para onde não há ninguém, verá se a pertença ao Movimento o fez aprender que a companhia está no eu e que pode reconhecê-la desde o momento em que acorda pela manhã, e não porque tenha quinhentos amigos ao redor. Eu me pergunto: quantos em Milão, com quinhentos amigos ao redor, acordam todas as manhãs com a consciência de que estamos falando? Não é óbvio. Em vez disso, pode-se aparentemente estar sozinho como

um cão, no meio da estepe da Sibéria ou no Cazaquistão, e acordar com essa consciência. Esta é a verificação da educação do Movimento.

**Thiry.** Julián, posso fazer uma pergunta? Na verdade, ouvi de alguns de meus amigos que essa autoconsciência de que você fala não é suficiente e eles se perguntam o que será do Movimento e da Igreja Católica na Rússia. Por que o que você está dizendo agora não é intimismo?

**Carrón.** A estrada da autoconsciência não é de fato intimista e é a única a produzir verdadeira mudança na história. O que Giussani nos ensinou é que uma pessoa pode se levantar de manhã, como dizia a nossa amiga, com a consciência de que Deus a está abraçando agora. Se esta consciência não tiver entrado em nós depois de “séculos” de Movimento, também não entrará nem que a situação da Igreja, da política ou da sociedade mude. A questão é a seriedade com que cada um faz sua a proposta do Movimento. E o Movimento não é uma organização, o Movimento é uma vida! Quando emergem as questões fundamentais, vê-se quão decisiva é a autoconsciência de que falamos: diante dessas questões fundamentais vem à tona o caminho que uma pessoa fez. Se fizermos o caminho proposto pelo Movimento, começaremos nós próprios por verificar se é intimismo. E se não o quisermos fazer, também faremos a verificação disso na nossa pele. Não é possível viver imaginando como virá a ser o Movimento daqui a alguns anos. Se eu não puder viver agora, se a nossa amiga não puder viver agora, depois de o marido ter morrido, com uma nova autoconsciência, acabamos como diz Rosa Montero no *El País*: adiamos a felicidade não sei para onde e não sei para quando, mas no fim vencerá a má notícia de que nunca se chega lá. ■